

RESENHAS

CRECHE/PRÉ-ESCOLA

SECRETARIA DO MENOR DO ESTADO DE SÃO PAULO
São Paulo, 1990.
(Série Secretaria do Menor: 3 Anos de Experiência)

A equipe responsável pelo programa de creche/pré-escola da Secretaria do Menor do Estado de São Paulo organizou uma publicação que descreve e analisa a experiência de planejamento e implantação desta rede de creches, que se constitui num verdadeiro manual para o trabalho com a faixa etária de 0 a 6 anos: *Creche/Pré-escola*, da série Secretaria do Menor: 3 anos de experiência. Este programa, implantado através de estatais paulistas, como CESP, METRÔ, ELETROPAULO, BANESPA, CDH, EMPLASA, instalou 23 unidades na Grande São Paulo, possuindo mais seis em construção.

O volume vistoso e bem cuidado, recheado de fotos coloridas, constitui uma feliz exceção no panorama geralmente cinzento e tristonho das publicações educacionais. O conteúdo reserva surpresas igualmente raras: as crianças são simplesmente crianças e não "crianças carentes" e muito menos "abandonadas", e os espaços onde elas se movem compõem-se de bonitos módulos desenhados a partir de figuras geométricas puras, de cores fortes, que se combinam com vivacidade no projeto arquitetônico de Ruy Ohtake. Resumindo: carinhas brasileiras, que revelam a heterogeneidade étnica da nossa população, com a presença marcante da negra, aparecem realizando atividades diversificadas, em ambientes pedagogicamente estimulantes e com alta qualidade estética.

A concepção educativa que se explicita no texto é coerente com este visual: o projeto de creche/pré-escola sistematizado na publicação apóia-se num grande respeito à criança enquanto pessoa, procurando dar conta das necessidades próximas da família e do pessoal que trabalha na creche, sem que estas se interponham entre a creche/pré-escola e a criança, sua finalidade primeira. Nesse sentido, não se distinguem as necessidades infantis em geral, das necessidades da criança "pobre" ou "carente", ao contrário da maioria dos programas existentes de creche; objetiva-se o desenvolvimento integral das crianças, e não apenas o reforço de alimentação e cuidados de higiene que os programas de creche a que as crianças do povo têm acesso limitam-se a oferecer.

Na concepção proposta, o "educar" e o "cuidar" são dois aspectos de uma mesma tarefa pedagógica que deve ser desenvolvida pelos educadores. Estes, como formação mínima em nível de 2º grau, assumem uma responsabilidade frente a todas as necessidades da criança pequena, evitando-se a tão freqüente "especialização" encontrada nas instituições públicas e privadas que atendem crianças pequenas, onde as "professoras" só desempenham as atividades consideradas educativas e as atendentes, ou pajens, incumbem-se daquelas tarefas socialmente desvalorizadas: trocar fraldas, dar comida, levar ao banheiro, supervisionar o sono. O próprio nome adotado, "creche/pré-escola", procura superar essa concepção dicotômica de creche somente como um lugar que "cuida" das crianças e pré-escola como uma instituição educativa. A diversificação prevista, dessa forma, não se estrutura por tipos de tarefas ou funções, mas sim pelo respeito às diferenças individuais das crianças, que deve prevalecer sobre as normas, horários e divisões espaciais.

Este último aspecto merece destaque, pois a interferência das variáveis individuais, reconhecida por todos os que trabalham em escola, tem sido minimizada pela literatura educacional brasileira considerada "progressista". No afã de ver respeitados os direitos e as necessidades de uma classe social, muitos analistas passaram a defender propostas educacionais que não dão espaço para as diferenças individuais existentes, tanto entre alunos, como entre professores. Ao chamar atenção para elas, a publicação da Secretaria do Menor realiza uma importante inversão, colocando a pessoa que existe em cada criança em primeiro plano. É através do respeito a essa pessoa que se expressa o respeito do educador à dignidade de uma classe social, de um grupo étnico, de um gênero, de uma família, de uma comunidade.

Assim, pode-se dizer que as questões básicas estão contempladas no texto: os profissionais, as normas, os espaços, os cuidados com a higiene e a saúde, os materiais, as tarefas colocam-se a serviço das crianças e de seu desenvolvimento. Alguns educadores poderiam cobrar uma especificação maior do currículo, quanto aos conhecimentos e habilidades que as crianças devem adquirir em cada faixa etária, principalmente nas idades mais próximas dos 7 anos.



Talvez este seja um desafio importante para as fases seguintes do projeto: como dar conta desses objetivos mais ligados à aquisição de conhecimentos — em ciências, em cálculo, em linguagem, em geografia, em história, em habilidades motoras, em arte — sem cair nos exemplos tristes das pré-escolas que adotam o chamado modelo "escolar"? Como contribuir para a formação de educadores com nível de instrução secundária, para que eles possam ajudar a suprir a insaciável curiosidade das crianças sobre tudo, desde seu próprio corpo até os detalhes mais inesperados do mundo que percebem à sua volta?

Com a palavra as crianças e educadores das creches/pré-escolas de Vila Carrão, Tatuapé, Itaim Paulista, Cidade Líder, Penha, Aricanduva, Cangaíba, Cidade Patriarca, Guarapiranga, Capela do Socorro, Ermelino Matarazzo, Vila Prudente, Catumbi, Jardim Eledy, Guaraú, Jardim Pedreira, Vila Mara, Três Corações e Jardim dos Álamos e daquelas que vão começar seu trabalho em São Miguel Paulista, Sapopemba, Jardim São Bento, Vila Guilhermina, Artur Alvim e Belém.

Maria Malta Campos

MULHER E EDUCAÇÃO

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES E GUACIRA LOPES LOURO (ORGS.)

N.º especial de *Educação e Realidade*

Porto Alegre, FE/UFRGS, Vol. 15 (2), jul./dez. 1990

Mulher e Educação, número especial organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes e Guacira Lopes Louro para a revista *Educação e Realidade* é um acontecimento excepcional que merece ser comemorado. Excepcional por sua qualidade e porque escapa à regra de postergar o tema. Mereceria também ser melhor divulgado. Em recente encontro nacional de núcleos universitários de estudos e pesquisas sobre mulher e gênero, apesar do vivo interesse que a revista despertou, a grande maioria das pesquisadoras dos 19 núcleos presentes não tinha notícia prévia de sua existência. A comunicação, para não falar das articulações entre Educação e outros campos disciplinares, permanece precária, é de se lamentar. Dá força ao argumento que Fúlvia Rosemberg desenvolve em seu estado da arte da produção científica sobre mulher e educação no Brasil, demonstrando como, de um lado, os pesquisadores em educação têm manifestado uma surpreendente falta de interesse pelas questões do gênero e como, de outro ângulo, a área de educação tem sido sistematicamente ignorada pelos estudiosos da temática mulher.

O número especial de *Educação e Realidade* faz em grande estilo uma abertura para este diálogo. Foi elaborado sem medo da teoria e da interdisciplinaridade. História, Psicanálise, Sociologia, Ciência Política e, natural-